

PAULO CESAR LEITE VICTOR

**COOPERAÇÃO TÉCNICO MILITAR BRASIL-RÚSSIA:
OPORTUNIDADES E DESAFIOS**

Trabalho de Conclusão de Curso – artigo científico apresentado à Comissão de Avaliação de TCC da Escola Superior de Guerra – Campus Brasília, como exigência parcial para a obtenção do certificado de Especialista em Altos Estudos em Defesa.

Orientador: Ten Cel Márcia Marques de Sousa

Brasília
2019

Cooperação técnico-militar Brasil-Rússia: oportunidades e desafios

Paulo Cesar Leite Victor¹

RESUMO

O objetivo do artigo é analisar os impactos no âmbito da cooperação técnico-militar entre o Brasil e a Rússia para o desenvolvimento da expressão militar do Poder Nacional brasileiro. Inicialmente, foi identificado o conceito de cooperação conforme abordagem da disciplina Relações Internacionais à luz das teorias idealista e realista. Em seguida, foram descritos alguns fatos históricos relevantes no âmbito da cooperação bilateral entre os dois países e, na mesma seção do trabalho, também foram destacados os principais aspectos dessa cooperação no campo técnico-militar. A metodologia adotada utilizou técnicas de pesquisa bibliográfica, documental e de legislação. A conclusão indica que a parceria com a Rússia, que possui grande capacidade na área de defesa, bem como experiência recente em conflitos armados internacionais, poderá incrementar a capacidade operacional das Forças Armadas brasileiras. Porém, os desafios a serem superados no âmbito dessa parceria, poderão se constituir em óbices para a efetivação de uma cooperação mais ampla.

Palavras-chaves: Cooperação. Poder Nacional. Forças Armadas.

Brazil-Russia Technical-Military Cooperation: opportunities and challenges

ABSTRACT

The objective of this paper is to analyze the impacts of the technical-military cooperation between Brazil and Russia for the development of the military expression of the Brazilian National Power. Initially, the concept of cooperation in the field of International Relations was identified in the light of idealistic and realistic theories. Following, some relevant historical facts were described in the context of bilateral cooperation between the two countries and, in the same section of the work, the main aspects of this cooperation in the technical-military field were also highlighted. The adopted methodology used techniques of bibliographic, documentary and legislation research. The conclusion indicates that the partnership with Russia, which has large defense capabilities, as well as recent experience in international armed conflicts, could increase the operational capacity of the Brazilian Armed Forces. However, the challenges to be overcome under this partnership could be obstacles to achieving broader cooperation.

Keywords: Cooperation. National Power. Armed Forces.

SUMÁRIO: 1 Introdução – 2 Cooperação no campo das Relações Internacionais – 3 Histórico da cooperação Brasil-Rússia – 4 Impactos da cooperação técnico-militar com a Rússia – 5 Conclusão

¹ Coronel Aviador da Força Aérea Brasileira. Trabalho de Conclusão do Curso de Altos Estudos em Defesa (CAED) da Escola Superior de Guerra (ESG), Campus Brasília, 2019.

1 INTRODUÇÃO

As sociedades humanas, desde a antiguidade, buscam o bem-estar para seus membros e, para atingir esse objetivo, interagem com outros grupos que possuem condições de suprir suas deficiências, que podem ser de ordem material, econômica, política ou até mesmo relacionadas à segurança e defesa de seu território.

Apesar da necessidade de cooperação entre os povos e do desenvolvimento econômico e social proporcionados pela revolução industrial, durante a primeira metade do século passado ocorreram diversos conflitos regionais e duas guerras mundiais que ceifaram milhões de vidas de soldados e civis de todos os continentes.

Após o término da última guerra mundial, iniciou-se um período que ficou conhecido como “guerra fria”, caracterizado por um conflito de caráter ideológico entre duas superpotências militares (Estados Unidos e União Soviética), que se estendeu até o final da década de 1980. Apesar dessa polarização, surgiram diversas iniciativas de cooperação entre as nações, tanto de caráter bilateral como também multilateral, como, por exemplo a Comunidade Europeia do Carvão e do Aço e a Comunidade Econômica Europeia, que, posteriormente, deram origem à União Europeia (UNIÃO EUROPEIA, 2019).

O Brasil, ao longo de sua história como país independente, procurou fazer parcerias com diversos países, a fim de suprir as necessidades de uma nação jovem e em desenvolvimento. A Rússia foi um dos países com os quais o Brasil buscou cooperação, inicialmente, de caráter comercial e, mais recentemente, no campo técnico-militar.

A cooperação no campo técnico-militar é um dos caminhos buscados pelas Forças Armadas, como componentes do Poder Nacional (BRASIL, 2016b), para a constante atualização de acordo com as doutrinas de emprego mais modernas, bem como para que estejam capacitadas e equipadas a operarem equipamentos tecnologicamente avançados.

Sobre o assunto, o autor se propôs analisar os impactos da cooperação técnico-militar entre o Brasil e a Rússia para o desenvolvimento da expressão militar do Poder Nacional brasileiro, sendo este o objetivo geral deste trabalho.

Para a consecução do referido objetivo, o presente estudo foi realizado valendo-se da pesquisa de natureza exploratória e qualitativa, utilizando técnicas de pesquisa bibliográfica e documental.

Durante a revisão da literatura sobre o tema, o conceito de cooperação foi caracterizado à luz das teorias sobre relações internacionais que mais se destacaram e rivalizaram ao longo do século XX, quais sejam a realista e a idealista. Dentre os autores mais recentes e atuais que

representam as duas correntes, que se contrapõem, destacam-se Kenneth Waltz, Joseph Nye e Robert O. Keohane.

Em consonância com os objetivos específicos, este trabalho foi estruturado em três seções. Na primeira, apresenta-se a evolução do conceito de cooperação à luz das teorias realista e idealista, desde o estabelecimento das relações internacionais como disciplina, no início do século XX, até os dias atuais. Na segunda, é apresentado o histórico da cooperação entre o Brasil e a Rússia, em que são descritos aspectos de natureza essencialmente econômica, e de cooperação técnico-militar, tema central do trabalho. Por fim, é feita uma análise sobre a cooperação técnico-militar entre os dois países, com vistas ao desenvolvimento da expressão militar do Poder Nacional brasileiro.

2 COOPERAÇÃO NO CAMPO DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Segundo BARBÉ (2007) a cooperação internacional pode ser dividida em três áreas específicas: a política, a econômica e a técnica. Além disso, pode também ser realizada em várias áreas, entre elas, saúde, educação, científica, agrícola, segurança e defesa entre outras. Neste trabalho a ênfase será dada à cooperação na área de defesa.

Logo após a Primeira Guerra Mundial alguns autores liberais defendiam que os Estados eram interdependentes e que deveriam cooperar entre si com a criação de regras de convivência bem estabelecidas, a fim de evitar conflitos. Esse pensamento foi defendido pelo presidente norte americano Woodrow Wilson, que foi o principal articulador da Liga das Nações (MACIEL, 2009).

A despeito do fracasso das iniciativas pós-Primeira Guerra para a manutenção da paz e da deflagração do segundo grande conflito mundial, surgiram algumas instituições internacionais como a Organização Internacional do Trabalho e a União Internacional de Telecomunicações basicamente com o intuito de potencializarem um relacionamento mais eficiente entre os Estados (MACIEL, 2009).

Até esse momento da história as relações internacionais não se configuravam como um campo de estudo, fato que só ocorreria no início do século XX, no Reino Unido, após o primeiro grande conflito mundial. Nascia assim, a disciplina Relações Internacionais que, inicialmente, teve por finalidade estudar o fenômeno da guerra, bem como da necessidade que os Estados possuíam de compreenderem os fatores externos que os afetavam (NOGUEIRA e MESSARI, 2005).

Essa disciplina recém-criada teve seu primeiro grande debate às vésperas do início da Segunda Guerra Mundial entre os teóricos que pensavam o mundo em termos do dever ser, em contraponto com aqueles que estudavam o mundo como realmente funcionava. O diplomata britânico Edward Hallett Carr, denominou-os respectivamente “idealistas” e “realistas” (NOGUEIRA e MESSARI, 2005).

Ao final da Segunda Guerra Mundial, o realismo foi proclamado o grande vencedor do embate acadêmico da época e, parte de seus seguidores começou a defender a utilização de maior rigor científico no estudo dos conflitos entre Estados.

O início da Guerra Fria que começou a ser travada entre os Estados Unidos e União Soviética, suas implicações para o equilíbrio de poder mundial, bem como o surgimento de diversas Nações que se tornaram independentes, constituíram mais um desafio para a corrente realista.

A partir da década de 1970, com o surgimento de novos atores não-estatais na política internacional, como empresas multinacionais e organizações internacionais governamentais e não-governamentais, as premissas básicas do realismo começaram a ser questionadas (NOGUEIRA e MESSARI, 2005).

A política externa americana tem sido pautada nos dias atuais por uma nova concepção realista, cujo expoente é o autor Kenneth Waltz, que defende que a [...] política internacional desenvolve-se numa dinâmica própria, independente das circunstâncias, das personalidades e das sociedades. (BERNARDINO, 2012).

Para Waltz os Estados não cooperam na realização de fins comuns, apenas se aliam (cooperaram) para alcançar as capacidades (objetivos). (BERNARDINO, 2012). Autores como Joseph Nye e Robert O. Keohane começaram a criticar a ênfase dos realistas no estudo do conflito em detrimento da cooperação e interdependência. (NOGUEIRA e MESSARI, 2005).

Robert Keohane, critica a indiferença que Waltz confere ao “parceiro das normas, às instituições e às mudanças sociopolíticas, bem como o seu potencial contributo para o uso do poder pelos Estados mais fortes e normativos do Sistema Político Internacional.” (BERNARDINO, 2012, p. 22).

Após os ataques terroristas aos Estados Unidos em 11 de setembro de 2001, a cooperação na área de defesa demandou análise mais cautelosa sobre como conflitos regionais, conjugados com a posição política adotada pelas grandes potências militares e seus aliados, poderiam desencadear retaliações de grupos extremistas a nível mundial.

Neste contexto, surgiram novos paradigmas conflituais e novas formas de desenvolver a cooperação regional e internacional para a segurança e para a defesa, e que as alianças e as organizações passaram a ser testados, não só pelas intervenções coligadas em cenários conjunturais de crise/guerra como no Afeganistão, Iraque, Bósnia ou Kosovo, e no combate à proliferação de conflitos regionais, nomeadamente em África, o que tem “obrigado” a uma intervenção crescente da sociedade internacional nestes contextos de crise/conflito. (BERNARDINO, 2012, p. 17).

Em se tratando de novas formas de desenvolver a cooperação internacional para a segurança e para a defesa, o Brasil tem interesse em realizar cooperação com muitos países, visando aperfeiçoar e atualizar a doutrina de operação das Forças Armadas, bem como estreitar os laços de amizade e confiança com outras Nações. Em especial, a cooperação Brasil-Rússia merece destaque, haja vista a potencialidade dessa cooperação para a área de defesa. Para melhor entendimento dessa parceria cabe apresentar o histórico dessa relação.

3 HISTÓRICO DA COOPERAÇÃO BRASIL-RÚSSIA

3.1 COOPERAÇÃO BILATERAL

As relações bilaterais entre o Brasil e a Rússia remontam à época imperial brasileira e foram marcadas por aproximações, distanciamentos e até mesmo rompimentos, de acordo com as fases históricas das duas grandes Nações.

As relações diplomáticas entre os dois países foram estabelecidas no dia 3 de outubro de 1828, sendo interrompidas por duas vezes. A primeira em 1917, depois da Revolução Bolchevique, sendo restabelecida em 1945. A segunda ocorreu em 1947 durante o governo de Eurico Gaspar Dutra, com o início da guerra fria, e só foram retomadas, inicialmente, as relações comerciais em 1958, durante o governo Juscelino Kubitscheck. As relações diplomáticas só foram restabelecidas em 1961 durante o governo João Goulart, que preconizava uma política externa independente.

O Brasil foi um dos primeiros países a reconhecer a Federação da Rússia como o sucessor legal da União Soviética em 26 de dezembro de 1991. A Rússia reconheceu a independência do Brasil no ano de 1827 e, apesar de ter mantido representação diplomática em território nacional até o final da década de 1910, o relacionamento entre os países resumia-se a pequenas trocas comerciais de produtos agrícolas (NUMAIR, 2009).

No ano de 1884, o Barão do Rio Branco foi designado pelo governo imperial brasileiro para organizar e dirigir uma exposição em Moscou com o objetivo de introduzir o café nacional

no mercado russo. O diplomata brasileiro obteve sucesso em sua missão e teve oportunidade de conhecer a sociedade russa, bem como o czar Alexandre III (CARDIM, 2012).

A derrocada da Rússia na Primeira Guerra Mundial, a ascensão do comunismo naquele país, bem como os movimentos de aproximação do Brasil com os Estados Unidos, após a década de 1920, esfriou a já enfraquecida relação (PICCOLLI, 2012).

A partir de 1922, os problemas políticos internos na Rússia, sua junção a várias repúblicas dando origem à URSS aliados ao receio da elite brasileira pela ameaça representada pelo crescimento da ideologia comunista no mundo, contribuiu ainda mais para o afastamento entre os dois países.

A forte presença norte-americana no Hemisfério e a intensa oposição ao comunismo por parte das elites brasileiras contribuíram para manter o distanciamento entre Brasil e URSS, em boa medida pelo receio às consequências negativas que uma aproximação soviética pudesse provocar nas relações com os Estados Unidos. (NUMAIR, 2009).

A retomada do relacionamento diplomático entre o Brasil e a União Soviética ocorreu no ano de 1945, decorrente do posicionamento de ambos países na aliança que lutou contra os alemães durante a Segunda Guerra Mundial. “A retomada do relacionamento está vinculada à posição brasileira lado a lado ao bloco dos Aliados, e ao conseqüente entendimento entre as potências triunfantes na II Guerra Mundial.” (PICCOLLI, 2012, p. 4).

O início da guerra fria, no final da década de 1940 e seu acirramento na década de 1950, novamente afastou os dois países. O Brasil alinhou-se naturalmente aos Estados Unidos até que, no final dos anos de 1950, a fim de diversificar parceiros e expandir sua economia, o Brasil ensaiou nova aproximação. Esse movimento iniciou-se a partir da criação de uma missão comercial com a Rússia. “É salientado que tal reatamento não competia à simpatia ideológica, e sim a uma via de inserção do Brasil em sua busca por desenvolvimento.” (BUENO & CERVO, 2008; GARCIA, 2005; RBPI, 1961, apud PICCOLLI, 2012, p. 4).

Os quatro primeiros anos da década de 1960 observaram um incremento nas trocas comerciais entre os dois países que voltou a sofrer novo revés no governo do presidente Castello Branco.

Castello Branco, seguindo as recomendações dos teóricos da Escola Superior de Guerra, reassumiu a postura de alinhamento automático aos Estados Unidos e conduziu a política externa restringida pela confrontação Leste-Oeste, buscando primeiro estabelecer a segurança para depois optar pelo desenvolvimento. (NUMAIR, 2009).

Na década de 1970 o Brasil, com o objetivo de diversificar suas parcerias econômicas e estratégicas em um momento de distanciamento dos Estados Unidos, voltou a aproximar-se da União Soviética, a despeito das grandes diferenças ideológicas ainda latentes. O presidente Ernesto Geisel destacou-se por seu pragmatismo nos relacionamentos interestatais, buscando maior independência econômica dos Estados Unidos e liberdade de ação quanto aos posicionamentos políticos.

Com o intercâmbio comercial fortalecido, o volume de exportações do Brasil para URSS disparou de 70 milhões de dólares no final dos anos 60, para 411 milhões de dólares em 1976, durante o governo de Ernesto Geisel, atingindo o ápice da década. É importante salientar que o volume de importações da URSS não acompanhou esse crescimento, o que suscitava certo descontentamento no lado soviético. (NUMAIR, 2019).

O início da década de 1980 assistiu ao incremento nas relações comerciais entre os dois países com a inclusão de parcerias entre empresas privadas brasileiras e estatais soviéticas de infraestrutura em projetos na América do Sul e na África (BACIGALUPO, 2000, apud NUMAIR, 2009).

Curioso observar que, em pleno governo militar, o Brasil, ao contrário do que esperavam os Estados Unidos, não aderiu ao boicote americano aos Jogos Olímpicos de Moscou em 1980.

Como se pode observar, muito do relacionamento bilateral Brasil-Rússia esteve condicionado ao maior ou menor grau de alinhamento do Brasil aos Estados Unidos. Assim, os anos 1980 são uma continuidade às iniciativas prévias dos governos Quadros/Goulart e Geisel, evoluindo de relações puramente comerciais para trocas concretas em termos de cooperação e diálogos políticos. (PICCOLLI, 2012, p. 7).

As transformações políticas internas no Brasil (término do governo militar) e na União Soviética (início da reconstrução econômica e da abertura política) durante o transcorrer da década de 1980, levaram ao incremento nas relações diplomáticas e perspectiva de aumento também nas trocas comerciais.

Nos primeiros anos da década de 1990 a política externa russa foi orientada na busca de parceria com países desenvolvidos, com vistas a auxiliar aquele país na mudança do sistema econômico. Apesar dos esforços do governo brasileiro em tentar aproximar-se da Rússia, não havia, naquele momento histórico, reciprocidade do lado russo. “Neste contexto, os países latino-americanos foram considerados como periféricos, configurando uma ausência de

interesse pelo desenvolvimento de laços bilaterais com a região, e aí se inclui o Brasil.” (FREIRE, 2009; SHEVTSOVA, 2007; OKUNEVA, 2010, apud PICCOLLI, 2012, p. 8).

A política neoliberal seguida pelos governos do Brasil e da Rússia a partir de meados da década de 1990, além do desejo de ambos países de modernizarem suas economias e diversificarem as parcerias estratégicas, conduziu-os a assinarem alguns acordos em diversas áreas. Nesse diapasão, havia também interesse da parte brasileira em angariar apoio russo no pleito de países em desenvolvimento pela reforma do Conselho de Segurança das Nações Unidas, com a candidatura do Brasil para uns dos assentos permanentes que seriam criados em decorrência da proposta que estava em discussão. Porém, o pleito brasileiro não encontrou apoio efetivo da parte russa (PICCOLLI, 2012).

No ano de 1997 foi instituído pelos governos dos dois países um importante mecanismo de consulta, a Comissão Brasileiro-Russa de Alto Nível de Cooperação (CAN) presidida pelo Vice-Presidente brasileiro e pelo Primeiro Ministro russo, cujo objetivo foi incrementar a cooperação econômica, comercial, científica e tecnológica.

Finalmente a cooperação técnico-científica parecia começar naquele momento uma vez que ambos os países tinham fortes incentivos para cooperar. O Brasil tinha interesse a ter acesso a tecnologias nos ramos em que a Rússia era mais avançada, como a espacial e a nuclear. A Rússia, que enfrentava problemas seríssimos de falta de recursos, tinha uma imensa oferta de especialistas, tanto das ciências fundamentais como as de ponta, para trabalhar temporariamente no exterior. Esse tipo de atividade gerava renda para o cientista e para a instituição a qual ele era vinculado. (JUBRAN, 2012, p. 95).

No final da década de 1990 a Rússia atravessou uma grande crise econômica que a fez aproximar-se novamente de países desenvolvidos, bem como da maior potência emergente da época, a China, com vistas a atravessar as turbulências internas.

[...] a Rússia demonstrava pouco interesse em relação ao subcontinente latino-americano e, conseqüentemente, ao próprio Brasil. Aliás, vale lembrar que na própria doutrina de política externa, publicada em 1993, na listagem das prioridades russas, a América Latina aparece em último lugar, atrás de África e Ásia. (JUBRAN, 2012, p. 91).

A primeira década do século XXI, caracterizado pela ascensão de Vladimir Putin, na Rússia, foi caracterizada por intensa aproximação e as relações entre os dois países foram alçadas à categoria de “parceria estratégica”. Ocorreram visitas recíprocas de altas autoridades, incremento das trocas comerciais, investimentos, bem como na parceria técnico-militar. Esta

última, até então, nunca havia sido discutida de forma relevante na história do relacionamento entre os dois países de dimensões continentais e de grande influência em suas regiões.

Em seminário promovido pela FUNAG / IPRI² acerca da Rússia, em 2007, o professor Serguei Markov da Universidade de Moscou, destacou algumas das principais diretrizes da política externa do Governo Putin, que valem, também, para a compreensão de como os russos se vêem a si mesmos no cenário internacional moderno e contemporâneo: - "A Rússia é um país independente de fato. Há poucos países como a Rússia no mundo. - A Rússia jamais aceitaria o papel de 'irmão mais jovem', em qualquer coalizão. - A política externa da Rússia deve ser multilateral (...) destacam-se no Ocidente dois centros de influência: os Estados Unidos e a União Europeia. - A Índia, a China e o Brasil são países importantes para a Rússia. (CARDIM, 2012, p. 26).

No ano de 2010, foi assinado o Plano de Ação da Parceria Estratégica que define objetivos, metas e orientações para as relações bilaterais entre os dois países. Comporta doze itens cobrindo amplo espectro temático (embora de forma não restritiva ou excludente): diálogo político, ciência e tecnologia, área espacial, área técnico-militar e de defesa, energia, área econômica e comercial, agricultura, cultura, saúde, cooperação jurídica, cooperação entre unidades da federação e cooperação conjunta em outros países.

A partir da segunda década do século XXI, algumas iniciativas de cooperação na área científica e tecnológica ocorreram como, por exemplo, a participação de instituições de pesquisa brasileiras no monitoramento e manutenção de estações de recepção de sinais do sistema russo de navegação por satélite (GLONASS).

O Brasil é o maior hospedeiro do sistema GLONASS fora da Rússia, com duas estações de recepção na Universidade de Brasília, uma estação na Universidade Federal de Santa Maria e outra estação no Instituto Tecnológico de Pernambuco. Em abril de 2017, foi inaugurada estação russa de monitoramento de detritos espaciais no Observatório Pico dos Dias, em Itajubá-MG, nas instalações do Laboratório Nacional de Astrofísica (ITAMARATY, 2019).

O resumo histórico das relações bilaterais entre Brasil e Rússia demonstra que as maiores interações entre os dois países ocorreram após a derrocada da União Soviética, quando foram assinados acordos nos campos da agricultura, tecnologia, educação, cultura, dentre outros.

Especificamente no campo técnico-militar, a cooperação entre os dois países não possui um longo histórico. As tratativas mais significativas tiveram início a partir do final do século

² A Fundação Alexandre de Gusmão (FUNAG), instituída pela Lei 5.717 de 26 de outubro de 1971, é uma fundação pública vinculada ao Ministério das Relações Exteriores. A FUNAG conta com dois órgãos singulares: o Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais (IPRI) e o Centro de História e Documentação Diplomática (CHDD).

XX, cabendo destacar os fatos históricos mais importantes para melhor entendimento dessa relação.

3.2 COOPERAÇÃO TÉCNICO-MILITAR

A cooperação efetiva entre Brasil e Rússia no campo técnico-militar, é muito recente. Não há nada significativo a relatar que tenha ocorrido antes da década de 1990.

Na primeira metade dessa década, ocorreram algumas tratativas voltadas à oferta de material de defesa russo ao Brasil. Pode-se citar como exemplos, a proposta de instalação de uma fábrica para montagem de aeronaves de treinamento no Rio Grande do Sul, projetos envolvendo transferência de tecnologia na área espacial e um contrato de venda de mísseis antiaéreos de curto alcance (Igla). Porém, as áreas relacionadas à transferência de tecnologia nunca foram acordadas.

[...] A Rússia via o Brasil como um país promissor, mas como um comprador de tecnologia e produtos russos, visão não compartilhada pelo Brasil. Este, por sua vez, estava mais disposto a desenvolver tecnologia em conjunto, sem necessariamente adquirir produtos daquele país. Essa divergência de interesses reproduzir-se-ia durante diversos encontros, especialmente nas negociações sobre temas específicos para cooperação, como na área militar e espacial [...]. (JUBRAN, 2012, p. 95).

A cooperação no plano técnico-militar teve maior impulso após o estabelecimento da Adidância de Defesa, Naval, do Exército e Aeronáutica junto à Embaixada do Brasil na Rússia em 1995.

A existência de um Adido de Defesa brasileiro em Moscou, possibilitou o assessoramento de alto nível ao Chefe da missão diplomática do Brasil na Rússia em assuntos relacionados à segurança e à defesa, além de permitir um diálogo mais eficaz entre o Ministério da Defesa do Brasil e seu homólogo russo. Esse militar também possui a importante incumbência de comunicar ao Ministério da Defesa as oportunidades de cooperação e de negócios nas áreas de logística militar e de produtos de defesa.

Por intermédio de pesquisa documental junto à Adidância na Rússia, bem como pela experiência deste autor, que exerceu o cargo de Adjunto do Adido nesse país entre os anos de 2015 e 2017, foi possível fazer um breve histórico de fatos importantes no âmbito da cooperação técnico-militar entre os dois países ocorridos neste século.

Na primeira metade da década de 2000 ocorreram tentativas de acordo para a utilização do Centro de Lançamento de Alcântara (CLA), com o objetivo de levar ao espaço satélites utilizando veículos russos, com a possibilidade de transferência de tecnologia no âmbito da cooperação na área de exploração e uso do espaço exterior para fins pacíficos. A área espacial brasileira, seria contemplada com o auxílio russo quanto ao aprimoramento do Veículo Lançador de Satélites (VLS) brasileiro, após tentativas frustradas de lançamento. Porém, não houve progressos no âmbito dessas iniciativas.

A cooperação na área espacial teve destaque em 2006, quando da participação de um militar brasileiro em missão para a Estação Espacial Internacional a bordo de uma nave russa, a “Soyuz”. Pode-se citar também a participação de um Capitão Engenheiro da FAB que realizou doutorado em propulsão líquida de foguetes entre os anos de 2012 e 2014.

No ano de 2008 foi assinado, entre o Brasil e a Rússia, um acordo de cooperação técnico-militar, com o objetivo de promover a cooperação bilateral nas áreas tecnológica, de pesquisa e desenvolvimento, bem como, apoio logístico e aquisição de produtos e serviços de defesa. Esse instrumento prevê treinamento profissional por meio de intercâmbio de docentes e discentes e pela realização de programas conjuntos. A implementação do Acordo prevê estabelecimento de Comissão Técnica Intergovernamental de Cooperação Técnico-Militar. Esse Acordo foi promulgado por meio do Decreto nº 8.482, de 7 de julho de 2015.

No âmbito do contrato de aquisição de helicópteros de ataque MI-35, assinado em 2008, pilotos e mantenedores da Força Aérea Brasileira realizaram a capacitação na Rússia, com vistas à operação da aeronave no Brasil.

Em 14 de dezembro de 2012, foi assinado o Acordo sobre Cooperação em Defesa que estabelece um marco jurídico para que os Ministérios da Defesa de ambos países realizem diversas atividades como visitas mútuas, exercícios militares conjuntos e intercâmbio de instrutores e alunos de instituições militares, inclusive nas áreas de medicina e cultura militar. O referido Acordo funciona como “acordo guarda-chuva” dos demais acordos na área de defesa já assinados e foi promulgado por meio do Decreto nº 9.541, de 25 de outubro de 2018.

Por ocasião da visita do Ministro da Defesa da Rússia, ao Brasil, em outubro de 2013, estabeleceu-se a criação de um Grupo de Trabalho sobre a área de Defesa Cibernética. A parte russa designou seus representantes para o referido Grupo, e existia a previsão de realização da primeira reunião, ainda, no 2º semestre de 2014. Porém, a mesma não foi realizada por motivo de conflito de agendas das partes. Durante o período de 2015 a 2017, o Exército Brasileiro tentou realizar eventos de cooperação militar na área de Defesa Cibernética com a parte russa, porém as tratativas não lograram êxito.

Ainda, por ocasião da visita do Ministro da Defesa da Rússia ao Brasil, em outubro de 2013, ficou acordado o aprofundamento da cooperação entre estabelecimentos de ensino militar do Brasil e da Rússia. A primeira iniciativa concreta decorreu de oferecimento, pelo Exército Brasileiro, de duas vagas para militares russos frequentarem o Estágio de Idioma Português, no Centro de Estudos de Pessoal (CEP), na cidade do Rio de Janeiro. Os militares russos realizaram o referido curso nos anos de 2014 e 2016.

O Exército Brasileiro realizou, no ano de 2014, visitas de intercâmbio com a Força Terrestre da Rússia, a fim de identificar posteriores possibilidades de ampliação da cooperação na área de ensino. Ainda em 2014, um grupo de militares da Força Aeroterrestre da Rússia realizou uma visita de intercâmbio ao Brasil e a Marinha do Brasil propôs um intercâmbio para troca de experiências, com a realização de embarques de oficiais brasileiros em meios navais da Marinha Russa, e vice-versa. As tratativas para a operacionalização desse intercâmbio, porém, não foram adiante.

Em 2015 uma comitiva do Exército russo participou, como observador, do Exercício “SACI” no Centro de Treinamento de Paraquedistas do Exército Brasileiro e também foi assinado um “Contrato de Ensino”, que define as condições nas quais a parte russa receberá militares brasileiros em estabelecimentos de ensino militar do Ministério da Defesa da Rússia. No mês agosto desse mesmo ano, foi realizado intercâmbio na área de artilharia antiaérea por dois Oficiais do Exército Brasileiro.

No ano de 2016, oficiais do Exército Brasileiro visitaram uma Organização Militar paraquedista russa e no mês de novembro, uma comitiva chefiada pelo Vice-Chefe das Tropas de Engenharia da Rússia, realizou visita às Organizações Militares de Logística do Exército Brasileiro, na cidade do Rio de Janeiro.

Conhecidos os fatos históricos mais relevantes do relacionamento bilateral entre o Brasil e a Rússia, será feita uma análise sobre a cooperação técnico-militar entre os dois países, com vistas ao desenvolvimento da expressão militar do Poder Nacional brasileiro no próximo item.

4 IMPACTOS DA COOPERAÇÃO TÉCNICO-MILITAR COM A RÚSSIA

Segundo definição da Escola Superior de Guerra, que trata sobre os Fundamentos do Poder Nacional:

Assim, entende-se, o Poder Nacional como a capacidade que tem a Nação para alcançar e manter os Objetivos Nacionais, em conformidade com a vontade

nacional, manifestando-se nas Expressões Política, Econômica, Psicossocial, Militar e Científico-Tecnológica. (BRASIL, 2018, p. 45).

A expressão militar do poder nacional, cujo componente essencial são as Forças Armadas, possui no seu escopo de missões “prover a defesa do território, da soberania e dos interesses nacionais, contra ameaças preponderantemente externas, potenciais e manifestas.” (BRASIL, 2016b).

As Forças Armadas brasileiras necessitam estar preparadas para os desafios do século XXI e, para isso, é necessário interagir com suas congêneres de diversos países do mundo, em especial com aqueles que podem proporcionar ganhos em termos de experiência em operações internacionais, doutrinas de emprego modernas e utilização de meios de alta tecnologia.

[...] o porte da economia nacional poderá permitir melhores condições de cooperação com nações mais avançadas no campo tecnológico, ou mesmo o aproveitamento de projetos de desenvolvimento nacional ligados à área de Defesa, de modo a mitigar as eventuais insuficiência e obsolescência de equipamentos das Forças Armadas, sem representar impacto excessivo em seus orçamentos, enquanto se maximizam os desdobramentos positivos dos investimentos em defesa para a economia nacional. Tais desdobramentos manifestam-se, em particular, por meio da geração de empregos qualificados na Base Industrial de Defesa, da absorção de tecnologias avançadas e da geração de oportunidades de exportação. (BRASIL, 2016b, p. 7).

Uma das Ações descritas na Estratégia Nacional de Defesa com vistas à promoção da cooperação internacional demanda que seja intensificada a realização de intercâmbios e acordos na área de defesa com outros países (BRASIL, 2016). A promoção da cooperação internacional, por sua vez, constitui-se em uma das estratégias previstas para se alcançar um dos Objetivos de Defesa Nacional (OND-5) “Contribuir para a estabilidade regional e para a paz e a segurança internacionais” (BRASIL, 2016).

A Rússia, por ser parceiro no âmbito dos BRICS, pode colaborar para o incremento da capacidade das Forças Armadas brasileiras, pois suas Forças Armadas passaram por recente reestruturação e o país está retomando o protagonismo no cenário geopolítico mundial. Além disso tem incrementado o investimento em ciência e tecnologia.

A Federação Russa dispõe de um complexo militar-industrial que detém uma gama de operação em mais de mil empresas, institutos de pesquisa e agências de desenvolvimento, operando em cerca de 72 divisões e subdivisões do país, que empregam diretamente aproximadamente 2 milhões de pessoas. (DALL’AGNOL, ZABOLOTSKY e MIELNICZUK, 2019, p. 51).

A partir do ano de 2007, na gestão do ex-Ministro da Defesa Anatoly Serdiukov, adotou-se um modelo de reforma cujo objetivo seria o de transformar as Forças Armadas, até então baseadas no princípio de mobilização em massa, para uma estrutura menor, de pronta resposta, baseada em soldados profissionais.

Outra medida tomada por Serdiukov foi a exigência, junto à indústria de defesa russa, de produtos de melhor qualidade e maior eficiência e rapidez nas entregas. Nesse esforço por aperfeiçoamento, o ex-ministro ampliou a terceirização de serviços, não essencialmente militares, como mecânicos de viaturas e profissionais da área de saúde. Essa medida resultou em grande redução do efetivo militar.

Serguei Shoigu sucedeu Serdiukov no Ministério da Defesa e deu continuidade ao processo de reestruturação e modernização das Forças Armadas. O novo ministro deu ênfase na melhoria das condições de prontidão operacional das Forças Armadas, no apoio ao homem, com o aumento das garantias sociais aos militares e seus dependentes. Essas medidas elevaram o número de jovens russos que procuram a carreira militar que, até então estava desprestigiada.

Ao longo dos anos de 2013 a 2017 diversos exercícios de adestramento das Forças Armadas russas foram realizados. O Ministério da Defesa russo realizou, nesse período, exercícios de prontidão de combate de grande escala, durante os quais foram treinados deslocamentos a longas distâncias, bem como a interação entre os órgãos de comando militar com os órgãos federais e regionais do poder executivo.

Durante a campanha na Crimeia e a participação na guerra civil da Síria os russos tiveram a oportunidade de aplicarem novas doutrinas de combate e testarem equipamentos recentemente desenvolvidos e dotados de tecnologia avançada.

O governo russo está investindo muito em Ciência, Tecnologia e Inovação. Existem incentivos federais para atração de empresas estrangeiras de tecnologia, bem como fomento à criação de “startups”. Houve, a partir da dissolução da União Soviética uma intensa saída de cientistas russos para países da Europa e Estados Unidos e essa perda de “cérebros” continuou até meados desta década, quando se iniciou um processo de retenção de talentos. O governo russo tem distribuído bolsas de estudos para pesquisas de interesse do país, bem como possui programas de formação de líderes.

No ano de 2013 foi iniciada a construção de um grande centro de tecnologia próximo a Moscou (Skolkovo), que os russos comparam com o “Vale do Silício” nos Estados Unidos.

Esse espaço, que tem crescido muito, abriga faculdades e “startups”³, além de infraestrutura de apoio de hospedagem e alimentação aos estudantes.

A Rússia, por intermédio de suas Forças Armadas muito operacionais, estruturadas e com experiência recente em conflitos bélicos, bem como por intermédio de sua academia e indústria modernizadas, pode proporcionar ao Brasil grandes oportunidades de aperfeiçoamento nessas áreas, em especial para o fortalecimento da expressão militar do poder nacional.

A Rússia possui também interesse no âmbito da cooperação com o Brasil, principalmente, por serem países que compõem os “BRICS”.

No dia 30 de dezembro de 2014, foi apresentada uma atualização da Doutrina Militar da Rússia, a qual trouxe novos aspectos em relação às versões anteriores, particularmente pela citação do Brasil, incluído como país parceiro na busca pelo desenvolvimento da cooperação bilateral.

Apesar das diversas oportunidades que a Rússia pode proporcionar para o desenvolvimento da expressão militar do Poder Nacional brasileiro, existem desafios a serem superados.

“As chances de sucesso da parceria aumentam com os esforços em absorver conhecimentos anteriores de cada parceiro e os adquiridos na parceria. Parcerias bem sucedidas motivam a realização de outras, mais audaciosas [...]” (SILVA, 2007, p. 9).

O Brasil a partir, principalmente, da década de 1970, procurou diversificar suas parcerias nas áreas econômica, bem como militar, independente de posicionamento ideológico. Dessa forma, a parceria com uma Nação que possui Forças Armadas bem estruturadas e respeitadas, bem como equipamentos tecnologicamente avançados contribui, de forma significativa, para o alcance dos objetivos nacionais de defesa, descritos na Política Nacional de Defesa.

Porém, em diversos momentos da história nacional, o Brasil optou por aproximar-se dos Estados Unidos, de países desenvolvidos da Europa Ocidental ou até mesmo dos países de seu entorno estratégico, dando ênfase ao regionalismo. O Brasil, por exemplo envia oficiais das Forças Armadas para realizarem Cursos de Altos Estudos ou de Comando e Estado-Maior em países da América do Sul, Europa e até mesmo da Ásia, porém, a despeito da assinatura do Contrato de Ensino, em 2015, com o Ministério da Defesa russo, até o momento, não houve intercâmbio para a formação de oficiais de ambos países nesses cursos de alto nível.

³ Uma “startup” é uma empresa emergente, ainda em fase de desenvolvimento, que é normalmente de base tecnológica e que tem como objetivo desenvolver ou aprimorar um modelo de negócio, preferencialmente escalável e repetível.

Recentemente, com o surgimento do conceito de BRICS, o Brasil despertou para a possibilidade de cooperação mais intensa com países distantes de seu entorno estratégico, porém com grande destaque no cenário mundial. Ainda assim, esses países ainda não se firmaram como parceiros constantes no âmbito da cooperação técnico-militar.

As diferenças culturais e a língua constituem-se barreiras para maior aproximação entre o Brasil e a Rússia, bem como a falta de confiança entre as partes. A Rússia, tem-se preocupado no cenário geopolítico em retomar sua influência fora do seu entorno estratégico. Recentemente está dando suporte técnico-militar à Venezuela que possui divergências políticas com o atual governo brasileiro. O atual governo brasileiro tem realizado diversos movimentos de aproximação com os Estados Unidos que poderão causar dificuldades na cooperação técnico-militar entre o Brasil e a Rússia.

São muitas as possibilidades para a cooperação técnico militar Brasil-Rússia que fortaleça a expressão militar do poder nacional, assim como são muitos os desafios que se apresentam para uma efetiva parceria. Cabe ao Brasil a iniciativa de promover maior aproximação entre as Forças Armadas dos dois países, tendo em vista o ganho operacional que poderá ser obtido com esta parceria.

5 CONCLUSÃO

No mundo globalizado e caracterizado pela grande interdependência, a busca de parcerias que tragam benefícios ao Brasil nos aspectos econômicos, sociais, científicos dentre outros, é fator de grande importância para o desenvolvimento de nossa sociedade. Mas também, não se pode esquecer do esforço a ser despendido pelo país na busca pelo desenvolvimento da expressão militar do Poder Nacional.

A defesa efetiva do território nacional, tendo em vista as ameaças externas, que podem advir da cobiça de outros países pelos recursos naturais abundantes que o Brasil possui, bem como as ameaças que assolam a sociedade brasileira, na forma de crimes transnacionais, depende de Forças Armadas preparadas e bem equipadas para o cumprimento de sua missão constitucional.

A parceria com países que possuem grande capacidade na área de defesa, bem como experiência recente em conflitos armados internacionais, é imprescindível para o incremento da capacidade operacional das Forças Armadas brasileiras.

A Rússia é um país que possui Forças Armadas com alto nível de adestramento, bem equipadas e que está operando, atualmente, em área de conflito de alta intensidade na Síria.

As Forças Armadas russas foram reestruturadas e modernizadas, a fim de retomarem o protagonismo perdido com a dissolução da União Soviética. O sucesso obtido na campanha da Síria provou que esse processo de reformulação foi bem-sucedido.

Na campanha da Síria foram utilizados equipamentos modernos e desenvolvidos com tecnologia própria, que demonstra o sucesso da política russa de incentivo ao desenvolvimento tecnológico e à inovação.

A Rússia e o Brasil são parceiros econômicos no grupo dos BRICS e possuem histórico recente de cooperação no campo técnico-militar. Porém, a parceria militar ainda é pequena diante da potencialidade dos dois países de dimensões continentais.

A cooperação entre os dois países, caso seja ampliada, poderá trazer grandes avanços à doutrina de emprego das Forças Armadas brasileiras, por meio da aprendizagem de técnicas modernas e bem-sucedidas de combate testadas recentemente.

O Brasil, historicamente, manteve parcerias no campo militar com os Estados Unidos e alguns países da Europa que, portanto, possuem doutrinas de emprego semelhantes. Uma maior cooperação na área de defesa com a Rússia, poderia tornar-se uma grande oportunidade para as Forças Armadas brasileiras experimentarem novas formas de combate e de organização administrativa e operacional.

A despeito das grandes oportunidades que poderiam advir dessa cooperação, alguns desafios deverão ser superados como a desconfiança entre os parceiros causada, principalmente, pelos atuais posicionamentos políticos divergentes. Não se pode afirmar ainda, com precisão, até que ponto, a grande aproximação entre os atuais governos brasileiro e americano, poderá contribuir de forma negativa para a cooperação na área de defesa entre o Brasil e a Rússia.

Tendo em vista todos os aspectos abordados neste trabalho, pode-se afirmar que a cooperação no campo militar entre o Brasil e a Rússia concorrerá para o desenvolvimento da expressão militar do Poder Nacional brasileiro, porém alguns desafios deverão ser superados entre as duas nações.

REFERÊNCIAS

- BACIGALUPO, Graciela Zubełzú. As Relações russo-brasileiras no Pós-Guerra Fria. **Revista Brasileira de Política Internacional** 43 (2): 59-86 [2000]. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbpi/v43n2/v43n2a03.pdf>>. Acesso em 5 ago 2019.
- BARBÉ, Esther. **Relaciones Internacionales**. 3ª ed. Madrid: Editorial Tecnos, 2007.
- BERNARDINO, Luis Manuel Brás. A cooperação para a segurança no contexto das Relações Internacionais do realismo ao construtivismo. **Sociedade de Geografia de Lisboa**. 2012. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10071/6264>>. Acesso em: 15 ago. 2019.
- BRASIL. Decreto nº 8.482, de 7 de julho de 2015. Promulga o Acordo entre o Governo da República Federativa do Brasil e o Governo da Federação da Rússia sobre Cooperação Técnico-Militar, firmado no Rio de Janeiro, em 26 de novembro de 2008. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/decreto/D8482.htm>. Acesso em 11 ago 2019.
- _____. Decreto nº 8.654, de 28 de janeiro de 2016. Aprova o Regulamento para Adidos, Adjuntos e Auxiliares de Adidos Militares das Forças Armadas junto às Missões Diplomáticas Brasileiras. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 2016. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2016/Decreto/D8654.htm>. Acesso em 10 ago 2019.
- _____. Decreto nº 9.541, de 25 de outubro de 2018. Promulga o Acordo entre o Governo da República Federativa do Brasil e o Governo da Federação da Rússia sobre Cooperação em Defesa, firmado em Moscou, em 14 de dezembro de 2012. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 2018. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/decreto/D9541.htm>. Acesso em 20 ago 2019.
- _____. **Estratégia Nacional de Defesa**. Brasília: Ministério da Defesa, 2016.
- _____. **Política Nacional de Defesa**. Brasília: Ministério da Defesa, 2016b.
- _____. **Fundamentos do Poder Nacional**. Rio de Janeiro: ESG, 2018.
- CARDIM, Carlos Henrique. Rússia e Brasil: as raízes históricas da cooperação. **Revista Iberoamérica**, Nº3, 2012, p. 23-52. Disponível em <http://www.ilaran.ru/pdf/2012/Iberoamerica/IbA_2012_3/Cardim.pdf>. Acesso em 29 ago 2019.
- DALL'AGNOL, Augusto César; ZABOLOTSKY, Boris Perius; MIELNICZUK, Fabiano. O Retorno do Urso? O Engajamento Militar Russo na América Latina: o Caso do Brasil. **Military Review**. 2019. Disponível em: <<https://www.armyupress.army.mil/Portals/7/military-review/Archives/Portuguese/Mielniczuk-O-Retorno-do-Urso-O-Engajamento-Militar-Russo-na-America-Latina-o-Caso-do-Brasil-POR-Q1-2019.pdf>>. Acesso em: 31 ago. 2019.

ITAMARATY. **Embaixada do Brasil em Moscou.** Disponível em: <http://moscou.itamaraty.gov.br/pt-br/brasil_-_russia.xml>. Acesso em: 22 ago 2019.

_____. **Países e entes com os quais o Brasil mantém relações diplomáticas.** Disponível em: <<http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/ficha-pais/5587-federacao-da-russia>>. Acesso em: 22 ago 2019.

JUBRAN, Bruno Mariotto. **Brasil e Rússia: política, comércio, ciência e tecnologia entre 1992 e 2010.** 2012. Mestrado em Relações Internacionais – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/56075>>. Acesso em 30 ago 2019.

MACIEL, Tadeu Morato. **As teorias das Relações Internacionais pensando a cooperação.** Mestrado em Relações Internacionais. 2009. Mestrado em Relações Internacionais - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Revista Ponto-e-Vírgula, 5: 215-229, 2009. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/pontoevirgula/article/view/14087>>. Acesso em: 18 ago. 2019.

NOGUEIRA, João P; MESSARI, Nizar. **Teoria das Relações Internacionais: correntes e debates.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

NUMAIR, Eliane. **Brasil e Rússia: do confronto ideológico à parceria estratégica,** 2009. Mestrado em Relações Internacionais – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <<http://revista.unicuritiba.edu.br/index.php/RIMA/article/view/277/247>>. Acesso em: 10 ago. 2019.

PICCOLLI, Larlecianne. **Relações bilaterais Brasil-Rússia: avanços e recuos rumo à parceria estratégica.** 2012. Programa de Pós-Graduação em Estudos Estratégicos Internacionais - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <http://www.seminariopos2012.abri.org.br/arquivo/download?ID_ARQUIVO=510>. Acesso em: 12 ago. 2019.

SILVA, Darly Henriques da. Cooperação internacional em ciência e tecnologia: oportunidades e riscos. **Revista Brasileira de Política Internacional**, Brasília, v. 50,n. 1,p. 5 – 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-73292007000100001&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 23 ago. 2019.

UNIÃO EUROPEIA. **A história da União Europeia.** Disponível em: <https://europa.eu/european-union/about-eu/history_pt>. Acesso em: 23 ago 2019.